

Eleição Presidencial O fenômeno da cara nova

JORNAL DE BRASÍLIA

Haroldo Hollanda

10 JUN 1989

O senador Marco Maciel, experimentado político, diz que não se deixa impressionar pelas primeiras pesquisas de opinião pública com vistas às eleições presidenciais deste ano. Ele é da opinião, por exemplo, de que não se pode nem se deve subestimar as candidaturas de Leonel Brizola e do deputado Ulysses Guimarães. Um pelo seu carisma pessoal. Outro pelo prestígio popular e pelo poderio de que ainda desfruta a legenda do PMDB, o mais organizado dos partidos nacionais. No entanto, o governador Alvaro Dias, do Paraná, ao tomar conhecimento das notícias que registram nas pesquisas um novo avanço da candidatura do ex-governador Fernando Collor de Mello, lembra que tentou, inutilmente, advertir o seu partido de que o povo na presente campanha eleitoral perseguia e persegue a renovação, o que só se poderia alcançar com caras novas. Embora o governador do Paraná não explique em detalhe sua proposta, a verdade é que as duas caras novas com que contava o PMDB era o próprio Alvaro Dias e o governador do Ceará, Tasso Jereissati. Mas naquela ocasião predominava nas Rodas de políticos tradicionais o ponto de vista de que um candidato, para vencer as eleições, teria que ser oriundo de um Estado poderoso, do ponto de vista eleitoral, como São Paulo e Minas Gerais. O candidato Collor de Mello saiu de Alagoas, um dos menores Estados brasileiros, e quebrou com esse tabu.

O voto de Collor, segundo os políticos de todos os partidos, é um voto de protesto contra todos os esquemas políticos tradicionais. O PMDB

mobiliza sua portentosa máquina partidária, a fim de fazer com que seu candidato, Ulysses Guimarães, num passo seguinte, venha a desalojar Brizola e Lula das posições de vantagem que atualmente ocupam nas pesquisas em relação a ele. Isso não é de todo improvável. A candidatura de Brizola não vem crescendo ultimamente. A recente reunião que o ex-governador gaúcho manteve com parlamentares do PMDB de Minas não produziu os resultados políticos por ele aguardados. Os deputados federais mineiros do PMDB que foram ao seu encontro, na sua maioria homens de feição conservadora, saíram da reunião queixando-se de que Brizola continua com o mesmo discurso nacionalista e estatizante das décadas de 50 e 60. Alegam que essa é uma das razões pelas quais se confessam insatisfeitos com a escolha, como candidato a vice-presidente, pelo PMDB, do ex-governador Waldir Pires, cujo discurso muito se assemelha ao de Brizola.

A candidatura de Brizola continua esbarrando na dificuldade de penetrar eleitoralmente em Estados como Minas Gerais e São Paulo. Se essa situação permanecer por mais algum tempo, isso poderá permitir a ascensão eleitoral de Ulysses, cujo objetivo principal no momento é o de fazer com que sua candidatura chegue ao segundo turno das eleições presidenciais. De qualquer modo, a candidatura Collor de Mello vai deixando de ser uma chuva passageira, como julgavam a princípio diversos políticos. Passou a ser um fenômeno com o qual todos os demais candidatos serão obrigados a conviver daqui para a frente.